

EPHEMERA

BIBLIOTECA
E ARQUIVO DE
JOSÉ PACHECO PEREIRA



E P H E M E R A | 2

AMORZINHO

CORRESPONDÊNCIA
ENTRE MARIA DE LOURDES E ALFREDO
DE 1934 A 1943

ORGANIZAÇÃO DE
RITA MALTEZ

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X V

APRESENTAÇÃO

EPHEMERA

© 2015, Rita Maltez e Tinta-da-china

Edição: Tinta-da-china
Rua Francisco Ferrer, 6 A
1500-461 Lisboa
Tels.: 217269028/29
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Amorzinho*
Correspondência entre Maria de Lourdes
e Alfredo de 1934 a 1945
Organização: Rita Maltez

Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Outubro de 2015
ISBN: 978-989-671-276-1
Depósito legal: 397998/15

Amorzinho é um volume de correspondência entre um casal de namorados, Maria de Lourdes e Alfredo, seleccionada de entre quase 600 cartas trocadas entre 1934 e 1943, e que foram encontradas num armazém nos arredores de Lisboa, praticamente no lixo. Não sabemos se a correspondência continuou para além destas datas ou se foi parcialmente perdida.

A correspondência começa com as primeiras investidas amorosas de Alfredo, em 1934, torna-se regular a partir de Outubro de 1936, e estende-se até ao casamento, em 1941, e ao nascimento do filho, em 1943. Há apenas uma pequena troca de cartas com o filho em 1953, que, por transmitirem o ar do tempo, foi também incluída na selecção.

Alfredo nasce em 1916, no distrito de Setúbal, e morre em 2001. Vai trabalhar para Lisboa em 1935 e estuda à noite. É empregado de escritório, frequenta cinemas e teatros, dá passeios pela cidade e seus arredores e vive em pensões ou casas particulares, com o amigo Fernando, namoriscando por aqui e por ali, com uma menina Gigi ou com uma «creada», mas sempre coisas «sem amor», já que esse fica guardado para a sua Lourdinhas. Tem duas irmãs, que são amigas de Lourdes. Alfredo passa o ano de 1939 a trabalhar no Funchal e, depois de ter arranjado uma «madrinha de baptismo», regressa a Lisboa no início de 1940. Mantém-se na capital até meados de 1941, altura em que, contrariado, vai trabalhar para o escritório da empresa numa barragem em construção longe de Lisboa. Ao princípio, não gosta, mas depois habitua-se, e o convívio com os colegas, bem como a expectativa do casamento, tornam o exílio menos penoso.

Maria de Lourdes nasce em 1919, no distrito de Setúbal, e morre em 1995. É filha única, vive em Setúbal, e frequenta aulas de corte e costura e de bordados. Trabalha como costureira em casa de várias modistas. Vai a procissões e bailes, ao cinema e ao teatro, e dá muitos passeios com a família pelos arredores de Setúbal.

A escrita de Lourdes é simples, marcadamente oral, corrida, com muitos erros, e a letra inicial, muito infantil. Com o passar do tempo, melhora. As suas cartas, para além das permanentes e repetitivas declarações de amor e saudades intensas, descrevem o seu dia-a-dia, as preocupações e alegrias, o trabalho com as sucessivas modistas, os namoros das amigas, os problemas familiares — mais dos outros do que dela, que aparentemente não os tem — a escassez de dinheiro, as procissões e as festas e, sempre, sempre, a preocupação com a levianidade do seu Alfredinho, adensada pela distância durante todo o tempo do namoro, pelas revelações que ele lhe faz das suas conquistas e pela espera ansiosa das escassas visitas.

A escrita de Alfredo é mais escorreita, com poucos erros e uma letra mais elaborada, usando um vocabulário mais sofisticado, quase oficial, reflexo da sua profissão mas também do seu estatuto de homem que comanda a relação entre os dois, exercendo a sua autoridade, criticando os borrões nas cartas de Lourdes, e o vocabulário que ela usa numa discussão, autorizando generosamente ou proibindo passeios e deslocações, e, por fim, dando-lhe a liberdade que ela certamente saberá usar, ciente dos seus deveres para com o «maridinho».

Ele, mais do que ela, gosta de escrever, faz descrições detalhadas dos locais onde vive, dos passeios e dos progressos e responsabilidades profissionais. Gosta de ler e de se cultivar e tenta estimular esse gosto na sua «Pretinha», recomendando e dando-lhe livros para ler.

Alfredo tem uma relação difícil com o pai, e diz que não gosta muito do convívio social nem de dar maçadas, mas, aparentemente, isto só se aplica quando está em Setúbal, pois a sua vida social em Lisboa é intensa.

Retrato muito vivo do seu tempo, em especial no que às relações amorosas e sexuais diz respeito, um dos momentos de maior tensão que a correspondência ilustra é o da gravidez de Lourdes, mesmo antes do casamento. Já antes de ir para a Madeira, Alfredo consegue «embriagar» Lourdes, ficando ela a lamentar-se, sem grande convicção, por ter perdido a virgindade, facto que ele refuta, garantindo-lhe que ela se encontra «tal qual Deus a dotou». Em toda a correspondência, retrata-se uma genuína ignorância sobre o sexo por parte de Lourdes e uma manipulação dessa ignorância por parte de Alfredo. Não terá sido caso único nesta época.

Depois do regresso a Lisboa, e após uma briga causada pelos ciúmes de Lourdes a propósito da tal madrinha madeirense, Alfredo é acometido por «momentos de fraquesa e embriaguez originado pelo muito amor que te tenho» e, tempos mais tarde, «aquilo que nós soubemos ainda não veio». Mas afinal não passa de um susto. E contribui ainda mais para intensificar o amor que sente por Lourdes.

Porém, em Setembro do ano seguinte (1941), com o casamento marcado para Novembro, as suspeitas de gravidez voltam e segue-se todo um «calvário» que acaba com um aborto, mas só após o casamento, uma vez que, antes disso, Lourdes achava que estava virgem. Já depois do nascimento do filho, Lourdes volta a engravidar, ao que se sucede uma nova interrupção da gravidez. A solidariedade e a sabedoria femininas, que cercam Lourdes quando a suspeita de gravidez se adensa e ela tem de recorrer à ajuda da mãe, mostram bem como o problema e a sua resolução eram comuns na época.

Alfredo, apesar de não estar preparado para ser «papá» e de tentar de forma suave convencer Maria de Lourdes a ser desflorada antes do casamento, para assim poder libertar-se da gravidez, uma vez que qualquer processo para abortar prejudicaria a sua suposta virgindade, mostra-se sempre responsável, solidário e cuidadoso com a saúde e o bem-estar dela.

A forma como Alfredo controla os comportamentos, os temores e o desespero de Lourdes — mais com a gravidez do que com o aborto

clandestino, mais com a desonra do que com os perigos para a saúde — são evidência clara de como o conceito de poder institucional da altura impregnava as relações amorosas e familiares, onde a autoridade masculina era naturalmente aceite por todos.

Um dos muitos detalhes deste contexto é a preocupação de Alfredo por ter dado a ler a Lourdes o romance *Ana Paula*, de Joaquim Paço d'Arcos, muito em voga na altura, pois «Não supunha que esta obra fazia referencia a certos factos que julgo pouco recomendavel para senhoras». Ela descansa-o, dizendo que não o leu porque tem pouco tempo para ler, facto de que ele duvida. Mas, afinal, ele fica sossegado com o romance, porque, apesar dos receios despertados pela leitura das primeiras páginas, «o fim que êle encerra, mostrando o carácter e a fidelidade de uma mulher por um homem, seu marido, que nunca a respeitou e a levou sempre à desgraça; mas ela sempre se conformou com o destino, nunca ultrajando a sua dignidade, embora fosse perseguida por outro».

Tudo está bem quando acaba bem. Alfredo e Lourdes casam em 1941, e têm um filho em 1943.

Em 1998, aos 82 anos, Alfredo, viúvo, casa novamente.

Alfredo e Maria de Lourdes são pessoas simples, idênticas a pessoas que todos conhecemos. Não escreveram livros, não pintaram quadros, não governaram nada a não ser (e pouco) as suas próprias vidas (sendo que Alfredo governa a vida de Lourdes), não filosofaram, não viajaram, não tinham grandes ambições e conformavam-se. Nem sabemos mesmo se Lourdes alguma vez terá ido muito para norte de Lisboa ou para sul da barragem. Talvez tenha visitado Évora.

As cartas de Alfredo e Lourdes são semelhantes às que todos temos em casa, guardadas numa gaveta qualquer, ou que já deitámos fora, numa arrumação ou numa mudança de casa.

Quando começamos a ler esta correspondência, rimo-nos. Rimos dos nomes, da forma delicadoce como se tratam, da candura e da sim-

plicidade, das manhas, do ar do tempo. Mas, prosseguindo a leitura, acabamos por nos envolver. Depois, zangamo-nos com a esperteza saloia de Alfredo e com a ingenuidade de Lourdinhas. Entramos naquelas vidas e queremos cada vez mais. Queremos saber o que se passava em cada dia. Preocupamo-nos, enternece-mo-nos, desesperamos, queremos vê-los e saber como eram. Já antecipamos os erros de ortografia que ela dá. Aquela maneira de escrever, sem obedecer a outras regras que não as do próprio pensamento, cansa e deixa-nos zonzos. Espantamo-nos com a argúcia dele, com a forma como a manipula. Rimos de novo com o jeito com que ela resolve a manipulação, sempre a ir «contrariada» a todos os passeios, às feiras, ao circo, ao cinema, para que o seu namorado ausente não pense que ela se diverte. E rimos ainda mais com as respostas dele.

É impossível, na leitura desta correspondência, evitar a nossa contaminação pelos episódios pueris, pelas preocupações diversas, a pequena alegria de um passeio ou os abismos, sempre gentis apesar de tudo, das grandes tristezas e ansiedades.

Depois, o «meu amorzinho», «meu queridinho», «minha pretinha», «minha mulherzinha», dezenas, centenas de vezes repetidos contrastam com os iniciais, «Minha adorada Lourdinhas», «Querido Alfredo», ou mesmo com a «Querida Carocha» e o «Alfredo». Contrastam ainda mais com a «Exma. Menina» e o «Senhor Alfredo» das primeiras cartas.

A aparente simplicidade e banalidade desta vida íntima, onde tudo o que se passa lá fora pouca relevância tem — há uma brevíssima referência à guerra, que não é uma guerra qualquer, é a Segunda Guerra Mundial, e a alguns fenómenos naturais, ciclones ou derrocadas e manifestações do Estado Novo, paradas ou feriados —, a sua monotonia, regularidade, previsibilidade, as saudades, os beijinhos ardentes e o amorzinho repetido à náusea, tornam a leitura compulsiva.

RITA MALTEZ

NOTAS DE LEITURA

- 1 Foram alterados nomes e locais que permitissem a identificação dos autores desta correspondência.
- 2 Manteve-se a ortografia original.
- 3 Na maioria dos casos, o texto das cartas não é integral. A selecção teve por critério os aspectos que pareceram mais relevantes para a ilustração e caracterização do modo de vida e de relacionamento dos seus autores, e para o estabelecimento de uma sequência dos assuntos que mais lhes interessavam.



1934

Car.^a Menina

Serei ousadia minha em lhe escrever estas sinceras palavras, porque o meu coração assim o permitiu, para que a Menina possa compreender a dedicação que eu lhe presto.

Desde que tive a divina felicidade, de a conhecer, tenho apreciado com imenso prazer a sua amavel simpatia, e ao mesmo tempo tenho notado que a Menina me tem correspondido com um certo agrado, o que me faz despertar imenso.

Éis o motivo porque eu fui obrigado a transmitir-lhe estas insignificantes, mas leais palavras.

Esperando que a Menina se digne, a responder a esta minha missiva, desde já espero uma agradável resposta.

Este seu admirador

L \ SETÚBAL, 3 MAR

Senhor Alfredo muito estimo que está minha carta lhe vá encontrar de saúde que eu graças-adeus já estou melhor da garganta.

Senhor Alfredo manda-me dizer que a creada, já se foi embora pois é mentira, que ela ainda não se foi embora, a irmã dêla é criada da manique, aonde está a sua irmã, que eu não tenho nada com isso, que ela fôsse embora ou não fôsse, mais é para o senhor Alfredo saber que eu sei as coisas.

Senhor Alfredo tenho estado muito triste que me disseram que o sua familia não quere que o senhor Alfredo me namore, por causa de ser uma pamoloa não sei a rezão que á nisso quando sube estas coisas, estava resolvida a não lhe responder, para você fazer a vontade à sua familia.

O senhor Alfredo mando-me perguntar perguntar se eu já tinha namorado alguns rapazes namoro chama-se eu com o senhor Alfredo que as minhas falas já se trocaram com as suas, e escrever cartas

Senhor Alfredo amanhã vou ao bail, ao Victoria e na terça feira.

Adeus estou com muito pressa receba um aperto

de mão desta que

se assina por

Maria de Lourdes

1935

A \ SETÚBAL, 15 FEV

M^a Maria

Faço votos para que esta minha carta a vá encontrar de perfeita saúde em companhia de quem mais desejar.

Escrevo-lhe esta carta conforme nós combinámos em namorarmos por cartas, já que não há outra possibilidade, certamente mais tarde teremos ocasião para namorarmos com mais liberdade. Eu compreendo que a M^a Maria ainda é um pouco nova, e que seus pais não querem que você já namore, o que é natural.

Já tenho namorado por cartas e de janela, mas vale mais namorar por cartas com um certo amôr, do que namorar á janela sem amôr algum o que já sucedeu comigo.

Não sei se a M^a Maria já tem namorado, mas fazia gosto em saber. Durante esta semana tenho-a visto poucas vezes, o que e faz andar com imensas saudades. Não seria fácil em combinarmos uma hora para que nós nos podessemos ver-nos todos os dias? Ás vezes costume ir esperá-la à noite a hora em que costumava sair da costura, certamente não terá hora certa de sair, não é verdade? E também quasi sempre eu a via entrar ou sair de casa á hora do almoço, o que não sucede agora.

Desde já faço votos para que gose muito no domingo em Palmela; caso não vá muito cedo, espero de a ver na Praça ou em casa.

Com isto não a masso mais, esperando a sua agradável resposta.

Este que se assina com a máxima estima

Alfredo

L \ SETÚBAL, 17 FEV

Senhor Alfredo

Faço votos para que esta minha carta, o vá encontrar de perfeita saúde em companhia de quem mais desejar.

Senhor Alfredo no domingo que passou não fui a Palmela o meu pai é que foi, naturalmente vou domingo. No domingo que passou fui para casa da minha prima.

Senhor Alfredo disseram-me que o Senhor Alfredo ainda namora à creada, que vai falar com ela todas as noites mais se o Senhor Alfredo vei que gosta mais dela, namore a ela que eu ainda sou muito nova, para namorar a um rapaz que tem duas namoradas.

Receba um aperto de mão desta que se assina por
Maria de Loudes

Senhor Alfredo Os meus pais fazem amaham anos de casados e naturalmente vou ao sinêma
adeus
desculpe de ir mal escrita que foi á pressa

A \ SETÚBAL, 21 FEV

M^a Maria

Recebi a sua carta com a qual fiquei satisfeito, com parte da sua resposta.

No domingo em que você me disse que ia a Palmela, eu estranhei bastante por ver cá a sua mãe e não ver você, supus, que tivesse ido só com o seu pai porque á tarde não o vi na taberna.

Eu no domingo de manhã não fui à Praça porque me levantei tarde, mas não sei se você foi ou não.

Fiquei surpreendido e magoado quando li na sua carta, aonde me dizia que lhe disseram que eu ainda namorava a creada, não esperava que você se quisesse querer. Pois digo-lhe já que é mentira. Pois que

acabei o namoro com essa rapariga já deve haver um mês. Não gostei nada de você me dizer na carta, se gostava mais dela que a namore-se-a, certamente que não; pois por eu gostar mais de você é que eu acabei com a outra, para nós namorar-mos conformepodessemos.

Até isso mesmo seria um mistério, pois que eu soube à dias que essa rapariga se tinha ido embora para a terra dela. Caso você se interesse em saber a verdade, pode perguntar à pessoa que lhe informou se tem a certeza do que lhe disse, era até mesmo um favôr que lhe peço. Eu sei que você ainda é nova conforme já me disse, mas para mim não me importa namorar-mos assim, até poder-mos namorar mais ás claras. Sobre umas coisas que eu lhe escrevi, você a nada me respondeu o que fiquei admirado.

Fazia gosto em saber se você sempre vai a Palmela no domingo, talvez saiba a certeza no sábado, e eu no sábado à noite passo por aí quasi ás 11 horas, que é quando vou buscar a minha irmã; se por acaso você estiver em casa. Faço inumeros votos para que o dia 19 de Fevereiro data do enlace de seus pais se repita por muitos anos cheios de felicidades. Lastimo bastante por não ter ido ao cinema na 3^a feira porque à noite tive que fazer ao meu pai, mas paciência. Tenho estranhado imenso a sua atitude para comigo durante ésta semana, o que gostava de saber o motivo. Por agora nada mais. Receba um aperto de mão deste que a ama sinceramente.

Alfredo
Adeus

A \ SETÚBAL, 7 MAR

Maria,

Em resposta à sua (resposta) carta tenho-lhe a dizer que fiquei um pouco triste com a sua resposta pouco agradável. Pouco agradável por me dizer que (lhe disseram que) andava triste por lhe terem dito que a minha família não queria que nós namorássemos por você ser palmelôa;

isso é uma mentira porque a minha família não a conhece como minha namorada: isto juro-lhe eu, mesmo que soubessem não se importavam. Disse-me que ficou triste, por este motivo, talvez mais triste eu fiquei quando li, que você estava disposta a não me responder, para assim eu fazer a vontade à minha família; isso seria uma injustiça; se fosse verdade eu não o fazia, por mim tínhamos que continuar com o namoro custasse o que custasse. Gostava muito saber quem é que lhe disse essa aldrabice, se a pessoa que lhe disse isso é sua amiga não parece; talvez seja a mesma que lhe disse que a creada ainda cá estava; pois tudo isto é mentira; apesar de me teres chamado já mentiroso. Tudo isto são coisas que acontecem em princípios de namoros. Não vês mesmo que isso era uma coisa impossível a minha família não querer que nós namorássemos por você ser de Palmela: = É uma coisa mesmo parva =

Sobre este ponto já não interessa. Maria ainda te dói os dedos dos pés por causa das pisadelas que eu te dei quando andávamos a dançar? Com você não acertava bem, apesar de saber dançar pouco, dancei com muitas pequenas com umas dançava melhor com outras peor; tudo passa por brincadeira. Não sei mesmo porque éra que você nunca queria dançar comigo; notei que fosse com pouca vontade, como você não queria dançar, tinha eu que dançar com as outras e também me diverti. Maria gostava mais que nós tratássemos por tu, o que mais próprio entre namorados, do que tratar-mos por senhores. Por acaso não sabe se irá ao baile da serração da velha, quando souber se vai ou não espero que me digas. Maria no domingo no Victoria quando eu estava assentado ao lado de uma pequena que é minha prima, ao lado da escada das galerias e quando você andava a dançar com o seu primo M., eu disse à minha prima que você é que era a minha namorada, ela gostou imenso de você; e disse-me que a franginha ficava-lhe muito bem. Com isto não a masso mais. Recebe um aperto de mão deste que te ama sinceramente.

Alfredo

Adeus.

A \ SETÚBAL, 1 DEZ

Menina Maria

É com infinita esperança que eu venho por este meio até junto de você a declarar-lhe a grande simpatia que você me inspira. Depois de várias peripécias passadas entre nós, quando no nosso simples namoro, mas que apesar de simples alguns momentos de felicidade nos estaria reservada; mas por infelicidade houve alguém que se dignou desviar as minhas ideias, possivelmente por leviandade ... não sei! Mas que importava, se não passaria duma ilusão! E eu por julgar que não era por você correspondido com uma amizade habitual de duas pessoas que se amam e por ter possuído um certo espírito leviano, levou-me a desorientar, apesar-de ser sempre você a mulher dos meus sonhos.

Lembre-se que há um ano que andamos um tanto ou quanto enamorados.

Certamente demonstra que há uma prova de amor, de qualquer parte.

Não pode calcular a alegria e esperança que sinto quando leio as suas cartinhas e que eu tive o cuidado de as levar comigo, certamente penso que você saiba compreender a expressão das minhas palavras.

Será esta carta recebida com sincero agrado? Oxalá que sim, pois que seremos felizes.

Se for correspondido ao meu amôr juro-lhe nunca mais faltar à minha palavra.

Esperando que seja expansiva, desde já espero que esta seja recebida e respondida com brevidade e sincero agrado.

Este que nunca a esquece.

Alfredo

Senhor Alfredo Os meus pais
fazem amáham a nos de casa
dos e naturalmente vou ao

cinema

adeus

Adeus estou com muito
pressa receba um aperto
de mão desta que
se assina por

Maria de Lourdes

1936

A \ LISBOA, 7 OUT

Maria,

Conforme a nossa conversa realizada na 2ª feira, a que eu me senti muito feliz, por ouvir as suas doces palavras confirmando o meu sonho de há muito. Ao mesmo tempo, faço votos para que se encontre bem de saúde, assim como o seu pai e a sua mãe, que este seu escravo fica bem, mas deveras aborrecido e apreensivo, não sei por quem! talvez por quem ama.

Apoz tanto tempo de sofrimento, chegou o dia 5 de Outubro dáta esta para mim inesquecível, o dia do esclarecimento da verdade; no fim de tanto tempo andarmos quasi que enganados.

Maria tenho presente as suas duas cartinhas de há bastante tempo, que saudades me faz lembrar.

Como lhe disse, há alguns dias depois das esperanças perdidas, estive para as rasgar, mas porém, tive uma luz que me iluminou o espírito e me disse: não as rasgues; espera, e eu assim fiz. Até que chegou o dia.

Parece inacreditável que nós na 2ª feira à tarde estivéssemos conversando durante 3 horas, que tempo tão curto; é certo que quem corre de gosto não cança.

A sua tia e as suas primas quando um dia souberem que nós nos tornamos a corresponder, certamente que lhe devem causar grande admiração.

Maria, o seu pai disse-lhe alguma coisas quando me viu conversando com você? acaso ele opõese-há em nós nos namorarmos? creio que não, pois que ele sempre me tem mostrado bom agrado e demais,

Até Deus
até domingo
se Deus
quiser

E P H E M E R A | 2

AMORZINHO

*foi composto em caracteres Filosofia
e Quicksand e impresso na
Rainho&Neves, em papel
Munken Lynx de
100 gramas em
Setembro de
2015.*

